

Suponhamos que pretendo traduzir uma sentença inglesa para a língua portuguesa. E suponhamos ainda que os termos "sentença" e "língua" são bem definidos. A minha tarefa será pois esta: Tenho dois sistemas, o da língua inglesa e o da portuguesa. Ambos sistemas consistem de sentenças. São sistemas "semelhantes". Destaquei uma sentença do primeiro sistema. (A sentença a ser traduzida). Devo encontrar uma sentença no segundo sistema que seja "semelhante" à sentença destacada. Considerarei a sentença "semelhante" como tradução da sentença destacada. O problema da tradução é pois um problema que tem a ver com "semelhança". Pode ser, em certo sentido, geometrizado. (Por exemplo, se resolver a considerar sentenças como estruturas geométricas.) Neste sentido traduções podem ser feitas por computações. Mas uma consideração mais atenta provará rapidamente que uma geometrização do termo "semelhança" não captará o problema todo.

Tomemos um exemplo. Que seja a sentença destacada do sistema inglês, a sentença a ser traduzida, a seguinte: "I shall write". A sua estrutura é esta: "Sujeito predicado". No lugar "sujeito" está a palavra "I". No lugar "predicado" estão as palavras "shall write". A palavra "I" é, dentro do sistema inglês, um pronome que ocupa um determinado lugar na ordem regrada dos pronomes. (No caso, o lugar da primeira pessoa do singular). As palavras "shall write" são, dentro do sistema inglês, verbos que ocupam determinados lugares, um pouco mais difíceis a serem precisados. O sistema português é semelhante. Contém sentenças com a estrutura "sujeito predicado". Contém pronomes e verbos que ocupam lugares semelhantes aos ocupados pelas palavras inglesas no nosso exemplo. A sentença é pois traduzível. Basta construir uma sentença portuguesa, que tenha a estrutura da sentença inglesa, e na qual os lugares da estrutura sejam ocupados por palavras que ocupam lugares correspondentes na ordem regrada da língua portuguesa. A sentença a ser construída é pois esta: "Eu devo escrever". Dadas as nossas premissas, esta é a tradução almejada. É, como sabemos, "falsa". A falsidade da tradução é desvendada, (sem recurso a conhecimentos prévios ou a intuições), pela retradução, que resultará em "I must write". A geometrização não basta. É preciso, na tradução, captar o "sentido" da sentença a ser traduzida. Este é o verdadeiro problema.

Até aqui, a minha exposição era extremamente chata. Insistia sobre um ponto, sobre o qual todos concordam, a saber: não podemos traduzir mecanicamente. E insistia sobre esse ponto com minuciosidade supérflua e irritante. É chegado o momento de deixar cair a máscara da exatidão distanciada no confronto com o problema da tradução, e de admitir as dimensões existenciais do problema. São estas: a tradução tem a ver com a semelhança de sentido. Tem a ver com o sentido das sentenças a serem traduzidas. O sentido das sentenças tem a ver, por sua vez, com o sentido dos pensamentos, e este com o sentido das atividades. A tradução tem a ver, (indiretamente), com o sentido das nossas atividades, e problematiza esse sentido. A tradução revela a

VILÉM FLUSSER

relatividade do sentido de sentenças, e, (indiretamente), a relatividade do sentido das nossas atividades. Na tradução saltamos de um sentido para outro, mais ou menos semelhante. Nesse salto transpomos um abismo. O abismo do sem sentido. Do absurdo. A tradução revela, com a relatividade do sentido, o absurdo. Aquele absurdo que fundamenta todos sentidos, e dentro do qual todo sentido flutua, (na forma das diversas línguas). No confronto com o problema da tradução confrontamos o absurdo. Foi para poder confrontá-lo melhor que este artigo vestiu a máscara do distanciamento.

Voltemos, agora profundamente emocionados, para a consideração do nosso exemplo. Sabemos agora que sua consideração paciente dirá respeito ao absurdo, (ou não), dos nossos pensamentos, das nossas atividades, e, (a fortiori), dos nossos sofrimentos. A tradução "correta" da sentença "I shall write" é, obviamente, "escreverei" ou "vou escrever". Como sei disto? Porque conheço o sentido tanto da sentença inglesa quanto das sentenças portuguesas. E porque sei que são sentidos semelhantes. Mas estas minhas afirmativas, ao emvez de explicarem, exigem esclarecimentos. Por exemplo: Por que digo que os sentidos são "semelhantes", e não "iguais"? Por duas razões incongruentes. A primeira é esta: As sentenças "escreverei" e "vou escrever", (ambas traduções corretas da sentença inglesa), não têm o mesmo sentido. A primeira é literária, e coloquial a outra. Se ambas sentenças são traduções de uma terceira, nenhuma das três pode ter exatamente o mesmo sentido. A segunda razão é esta: Há contextos nos quais a tradução correta de "I shall write" é outra. Voltarei para este problema.

Enumerarei alguns dos demais esclarecimentos exigidos pelas afirmativas justificantes da tradução proposta. Como sei do sentido da sentença inglesa? Como sei que as duas sentenças portuguesas têm sentido semelhante? Qual é o sentido da sentença inglesa? E das sentenças portuguesas? Qual é a diferença entre esses sentidos? Que há de comum nestes sentidos todos que justifique a tradução proposta? Sei, por exemplo, (mas como?), que "shall write" é o futuro do verbo "write", e que "escreverei" e "vou escrever" são dois futuros do verbo "escrever", e posso afirmar que esta é a justificativa das traduções propostas. Portanto uma justificativa mecânica, afinal das contas. Mas se as três formas do futuro são estruturalmente tão diferentes, por que as chamo, a todas três, "futuro"? Haverá uma quarta forma, que será o "futuro mesmo"? A justificativa desmecaniza-se imediatamente. Todas estas perguntas, (e muitas outras não mencionadas), exigem pesquisas pacientes que ultrapassam, de longe, o escopo deste trabalho. Quando começo a enfrentar os problemas da tradução, enfrento, com efeito, a própria estrutura do pensamento e da realidade pensada por ele. A minha cabeça põe-se a girar desesperadamente. É que estou vislumbrando o próprio fundamento.

A causa desta minha vertigem metafísica é a proximidade dos limites da língua, (do pensamento), na qual a tradução me coloca. A tradução força-me a enfrentar o limite do dizível e do pensável. Na tradução descubro, "in fieri", esse limite. Descubro a limitação do pensamento. Ao tentar traduzir, procuro dizer algo já dito, mas procuro dizê-lo de outra forma. E descubro que isto

VILÉM FLUSSER

involve o problema do sentido. Descubro que o sentido do dito está intimamente ligado à forma pela qual foi dito o dito. Que portanto, estritamente, o dito não pode ser dito de outra forma. Mas que algo semelhante pode ser dito. E que a semelhança é tanto da forma como do sentido. Que posso traduzir aproximadamente. E apenas aproximadamente. Que significa "semelhante" e "aproximadamente"? Significa os limites do dizível.

Sem dúvida: a tradução é possível. Dicionários o provam. É possível graças à semelhança entre línguas. Sem dúvida: a tradução é rigorosamente impossível. A diferença entre dicionários, e a ambivalência dos termos contidos nos dicionários o prova. É impossível devido à diferença entre línguas. Este é o limite do pensável: a tradução é simultaneamente possível e impossível. Se fosse apenas possível, (se todo pensamento pudesse ser articulado de outra forma), isto provaria que os pensamentos têm um sentido "absoluto" que é a "realidade". Se fosse apenas impossível, (se todo pensamento pudesse ser articulado de uma forma apenas), isto provaria que os pensamentos são seu próprio sentido, portanto "absurdos". Sob a primeira hipótese teríamos fé na realidade ~~trabalho~~ extralinguística, espelhada de muitas formas pelo nosso pensamento, embora não atingível intelectualmente. A 1ª seria o elo que liga pensamento e realidade. Sob a segunda hipótese saberíamos do absurdo do pensamento, e da futilidade de toda "metafísica", (no sentido de procura de realidade). A decisão para o absurdo seria o clima da nossa vida. Mas, desgraçadamente, a tradução é simultaneamente possível e impossível.

Uma teoria da tradução urge. Faz parte da procura de sentido e significado que nos caracteriza. Este é o desafio lançado na segunda metade do século 20: sentido e sem sentido, significado e absurdo. Uma problemática religiosa. A segunda metade do século 20 retorna à religiosidade do lado formal, do lado da estrutura. Após quinhentos anos de férias coletivas volta o Ocidente a engajar-se. Propelido para tanto pelo sem sentido e pela falta de significado. E uma teoria da tradução é uma peça indispensável na marcha de retorno. É pois neste contexto que deve ser formulada.

A Idade moderna, (as "férias coletivas"), tem uma teoria de tradução implícita, tornada quase explícita pelo iluminismo e pelos enciclopedistas. É esta: A tradução é sempre possível, já que o pensamento é uma captação simbólica da realidade. A tradução consiste simplesmente na substituição de determinados símbolos por outros equivalentes. A meta é pois o dicionário universal, (a "enciclopédia"), que contenha a chave para todas as traduções de toda e para toda língua. A imagem é esta: uma camada, chamada "realidade", outra camada chamada "pensamento", e terceira camada chamada "enciclopédia". A terceira camada contém os símbolos de todos os símbolos, portanto o sumo conhecimento e a suma sabedoria. E como conhecimento é poder, contém a onipotência. A enciclopédia é um deus, com efeito o deus da Idade moderna. Nisto concorda curiosamente com a história da confusão das línguas em Babel, que a Gênesis conta. Nada é impossível aos que podem traduzir perfeitamente.

A teoria é insustentável. Já Kant o prova, Hegel o elabora, e Nietzsche o sofre na carne. E a primeira metade do século 20 cai no outro extremo. A tra

VILÉM FLUSSER

dução é impossível. O pensamento não capta a realidade, mas é uma organiza-
 ção de símbolos aleatórios organizados por regras deliberadas. Nada tem sen-
 tido. O aparente sentido é justamente a estrutura do jogo do pensamento. É
 portanto a forma do pensamento. Toda alteração da forma, (toda tradução), é
 um erro. A comunicação é impossível. Somos ilhas. Os "outros", (aqueles
 com os quais é impossível comunicar-se), são o interno. Vivemos "huígglos".
 "Deus morreu". Este é pois o fim da Idade moderna: a enciclopédia revela-se
 sem sentido e insignificante.

A segunda metade do século 20 é marcada pelo surgir da teoria da informação,
 da cibernética, dos computadores, em suma por uma visão estrutural do mundo.
 O nosso mundo não consiste mais de coisas a serem nomeadas, e de dicionários
 a recolherem os nomes, como no iluminismo. Nem consiste de vetores, de pro-
 cessos e de tendências a serem explicados, e de discursos a reunirem os argu-
 mentos explicativos, (de "ciências"), como no século passado e na primeira me-
 tade deste. Consiste de estruturas, de campos, de formas virtuais, de ondas
 de probabilidade: é irreal e transparente. E por sôbre esse mundo flutuam
 modelos do pensamento que são os responsáveis pelas estruturas. Os nossos
 modelos informam o nosso mundo. E fazem-no de maneira gratuita e substituí-
 vel. Por exemplo: lanço um modelo corpuscular, e descubro photons. Retiro
 o modelo e o substituo por outro oscilador, e descubro ondas. O mundo é uma
 função do meu pensamento, e há tantos mundos quantos modelos do pensamento.
 O problema não está no mundo, mas na relação entre modelos. Na possibilidade
 da tradução portanto.

Eis uma curiosa transferência de interesse. Durante a Idade moderna tãda es-
 tava o interesse concentrado sôbre o mundo. Óbviamente, porque o mundo era
 o significado do pensamento. Agora, com a problematização do significado, o
 interesse volta-se para o pensamento, (para os modelos). Não estamos mais
 tão interessados em teorias físicas, ou biológicas, ou psicológicas, ou eco-
 nômicas, porque sabemos serem elas modelos. Estamos agora interessados em
 teorias da tradução, da informação, da comunicação, da língua. Não queremos
 saber do conteúdo, mas da estrutura dos modelos. Porque sentimos que o sen-
 tido dos modelos, e o significado dos seus símbolos, está, de alguma maneira,
 na sua estrutura. Essa transferência de interesse marca um nôvo clima. A I-
 dade moderna está sendo superada.

Uma teoria da tradução nôva, uma teoria que formalize a simultânea possibili-
 dade e impossibilidade da tradução, será uma das primeiras articulações do nô-
 vo clima. Por enquanto, podemos apenas vislumbrar os contornos de uma tal te-
 oria. Terá a ver com o conceito do meta-modelo. Portanto com um modelo que
 abranja vários modelos, e seja mais amplo e menos denso. A tradução será mos-
 trada como passagem de modelo para modelo pelo canal de um meta-modelo. E, no
 horizonte nebuloso por trás dos meta-modelos da enésima ordem começa a deli-
 near-se um meta-modelo universal, totalmente vazio. Aquele que garante si-
 multaneamente a possibilidade e impossibilidade da tradução, portanto do pen-
 samento. Um deus que ressuscita?

Continua.